

LUCIANA CAVALCANTE TORQUATO

A RECEPÇÃO DA PSICANÁLISE
NO BRASIL:
o discurso freudiano e a questão da nacionalidade

LUCIANA CAVALCANTE TORQUATO

A RECEPÇÃO DA PSICANÁLISE
NO BRASIL:
o discurso freudiano e a questão da nacionalidade



Montes Claros
2014

REITOR
Professor João dos Reis Canela

VICE-REITORA
Professora Maria Ivete Soares de Almeida

DIRETOR DE DOCUMENTAÇÃO E INFORMAÇÕES
Humberto Velloso Reis

DIRETORA DA IMPRENSA UNIVERSITÁRIA
Eliane Ferreira da Silva

DIRETOR DA EDITORA UNIMONTES
Professor Antonio Alvimar Souza

DIAGRAMAÇÃO
Bernardino A. Mota

REVISÃO LINGÜÍSTICA
Francisco Rodrigues Júnior

**EDITORA UNIMONTES
CONSELHO EDITORIAL**

Prof. Sílvio Guimarães - Medicina. Unimontes.
Prof. Hercílio Mertelli - Odontologia. Unimontes.

Prof. Humberto Guido - Filosofia. UFU.

Profª Maria GERALDA Almeida. UFG

Prof. Luis Jobim - UERJ.

Prof. Manuel Sarmento - Minho - Portugal.

Prof. Fernando Verdú Pascoal. Valencia - Espanha.

Prof. Antônio Alvimar Souza - Unimontes

Prof. Fernando Lolas Stepke. - Univ. Chile.

Prof. José Geraldo de Freitas Drumond - Unimontes.

Profª Rita de Cássia Silva Dionísio. Letras - Unimontes.

Profª Maisa Tavares de Souza Leite. Enfermagem - Unimontes.

Profª Siomara A. Silva - Educação Física. UFOP.

Prof. César Henrique de Queiroz Porto - História - Unimontes.

Prof. Duarte Nuno Pessoa Vieira - Portugal.

CATALOGADO PELA DIRETORIA DE DOCUMENTAÇÃO E INFORMAÇÕES (DDI)

T687r Torquato, Luciana Cavalcante.
A recepção da psicanálise no Brasil : o discurso
freudiano e a questão da nacionalidade Luciana
Cavalcante Torquato. - Montes Claros : Unimontes, 2014.
187 p. : il. ; 14 x 21 cm.

Bibliografia: p. 166-181.
ISBN 978-85-77395-31-6

1. Psicologia. 2. Psicanálise. 3. Modernismo. 4.
Curandeiros. I. Título. II. Título: O discurso freudiano e a
questão da nacionalidade.

CDD 150

Este livro ou parte dele não pode ser reproduzido por qualquer meio sem autorização escrita do Editor.

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

EDITORA UNIMONTES
Campus Universitário Professor Darcy Ribeiro
Montes Claros - Minas Gerais - Brasil
CEP: 39.401-089 - CAIXA POSTAL: 126
www.unimontes.br
editora@unimontes.br
Filiada à

**ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA
DAS EDITORAS UNIVERSITÁRIAS**

Este trabalho é todo ele dedicado a cada *brasileiro* que me confiou sua história. A partir de seus relatos, que vinham como queixas, demandas e iam se transformando em contos, histórias, arremates que diziam para além de suas experiências privadas, pude escutar algo que passava pela história de todo um povo. Cada um desses encontros me despertou para a necessidade de me refazer enquanto psicanalista, enquanto brasileira e, por fim, me ensinou que a vida vem “*da boca do povo na língua errada do povo. Língua certa do povo. Porque ele é que fala gostoso o português do Brasil*”¹.

¹ *Evocação do Recife*. Manuel Bandeira (1996 [1925]).

AGRADECIMENTOS

Chego agora em um momento muito especial na minha trajetória acadêmica e profissional. Até aqui, são pelo menos cinco anos exaustivos e deliciosos dedicados ao estudo da Psicanálise dentro desta Universidade. Gostaria de manifestar minha gratidão e compartilhar a feitura desta Dissertação com todos aqueles que, de uma forma ou de outra, foram indispensáveis nesse caminhar. Agradeço com carinho a,

Guilherme Massara Rocha, em primeiro lugar. A tessitura de um texto envolve aspectos que ultrapassam a pontualidade de uma orientação teórica. Agradeço pela generosidade com que sempre recebeu minhas questões – desde aqueles primórdios em que este trabalho não tinha materialidade alguma; pela elegância com que sempre organizou e qualificou todo embaraço conceitual em que eu me envolvia; pela paixão e a riqueza teórica com que sempre despertou os orientandos na busca pela transmissão da psicanálise, e, por fim, pela orientação criativa, sutilezas que me proporcionaram, ao longo de toda a pesquisa, uma infinita gama de possibilidades diante do impossível.

Ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas pela oportunidade de realização deste estudo.

Ao Instituto de Estudos Brasileiros (IEB-USP) pela possibilidade de pesquisa no acervo de Mário de Andrade.

Aos professores Oswaldo França Neto (UFMG) e Paulo Vidal (UFF) pelas contribuições riquíssimas ofertadas na qualificação do Mestrado.

A Secretaria Municipal Adjunta de Assistência Social da Prefeitura de Belo Horizonte, pelo afastamento concedido em diversas ocasiões, fator indispensável para a construção da pesquisa. Agradeço especialmente aos colegas, analistas de políticas públicas, Ricardo Wagner de Assis e Sônia Lopes Siqueira pela confiança e aposta no meu trabalho.

As colegas do PAEFI-NE e Equipe Central, por compartilharem comigo momentos muito preciosos. Gostaria de mencionar Mariana Elisa Rosa e Rúbia D'Alessandro, por dividirem comigo as experiências acadêmicas, freudianas, lacanianas...

A minha família belo-horizontina que me acolhe há anos e *que me ha dado tanto*. Andréa Matos, Chico Amaral, Denise Matos, Maria Regina Ramos (Marrege) – “*ter sempre um espumante na geladeira para comemorar o cotidiano*”, Mário Amaro, Mônica de Souza, Mônica Rahme e Mundin Rocha. O agradecimento sintético condensa meu sentimento, mas ainda assim não dá conta do tamanho da gratidão.

A Márcia Alves Andrade da Rocha, um dos melhores “acazos” da minha vida, que me transmitiu todo amor pela psicanálise, que me ensinou a admirar e reconhecer a beleza da letra freudiana, de Manoel de Barros, de José Saramago... O encontro com Marcinha é um grande divisor de águas na minha trajetória. Gostaria de mencionar especialmente a ajuda durante o projeto para a pesquisa de Mestrado. Muito obrigada!

Aos amigos “de sempre”, que insistiram em se aproximar ao longo desses últimos dois anos, mas que souberam

aceitar com carinho todos os “depois da defesa” e minha indisponibilidade. Sem os nossos papos no telefone, sem os e-mails de conforto, teria sido muito mais difícil. Em especial, a Carolina Horta, minha “irmã branca”, que sempre me ofertou bens imponderáveis.

Aos casais Virgínia Amaral e Estêvão Senra; Juliana Horta e Filipe Gontijo, pela acolhida tão hospitaleira na Cidade Maravilhosa e na Pauliceia.

Aos colegas e amigos do mestrado, especialmente aos queridos Glauco Batista, Érica Espírito Santo e Marcus Vinícius Neto Silva. A palavra “reduto” adquiriu novo sentido depois do nosso encontro.

A querida Ana Maria Fabrino Favato, que há cerca de dez anos acompanha essa trajetória claudicante que tem sido a minha. Registro aqui minha admiração e afeto.

A Marta, *my dear*. Pelo cuidado comigo, pelo tempero maravilhoso. Também pelo capricho e tentativa em manter a casa “nos trinques”, mesmo que a pilha de livros no escritório teimasse em não se arrumar nunca. Por ainda me ter poupado de inúmeras vassouradas barulhentas... Obrigada, querida.

Aos meus irmãos Dany, Keila e Severino, pedaços de mim, presenças na ausência.

Ao meu pai, Edilson Torquato, que certa vez, há cerca de vinte anos, me presentou com um caderno florido, recomendando que eu começasse a depositar ali tudo que me ocorresse, dizendo ainda que seria a “contribuição que o pai poderia me dar” para o exercício da escrita. Aquele caderno significou muito coisa. Nunca mais parei de escrever.

A Mônica Torquato (Bu), que me escolheu como filha, que cuidou de cada detalhe em minha vida, e que vem ensinando a todos que tem o privilégio de seu convívio o sentido profundo e sagrado da maternidade.

Mais ainda, agradeço a Victor Mourão, meu parceiro nos processos de criação, de vida, cúmplice dessa e de outras histórias, que leu e foi crítico de cada palavra deste trabalho, que me esperou, incentivou, acolheu, que me apresentou com aqueles livros inacessíveis e que eu não encontrava em lugar nenhum do mundo. Por ainda me ter permitido uma biblioteca impecável sempre à mão. *Victor, esse sempre aí. Sempríssimo.* Espero que possa se reconhecer no que tiver de bonito neste trabalho.

Nós temos que dar ao Brasil o que ele não tem e que por isso até agora não viveu, nós temos que dar uma alma ao Brasil e para isso todo sacrifício é grandioso, é sublime. E nos dá felicidade. Eu me sacrifiquei inteiramente e quando eu penso em mim nas horas de consciência, eu mal posso respirar, quase gemo na pleura da minha felicidade. Toda a minha obra é transitória e educada, eu sei. E eu quero que ela seja transitória. Com a inteligência não pequena que Deus me deu e com os meus estudos, tenho a certeza de que eu poderia fazer uma obra mais ou menos duradoura. (...) Mas é no Brasil que me acontece viver e agora só no Brasil eu penso e por ele tudo sacrifiquei. A língua que escrevo, as ilusões que prezo, os modernismos que faço são pro Brasil. E isso nem sei se tem mérito porque me dá felicidade, que é a minha razão de ser da vida. Foi preciso coragem, confesso, porque as vaidades são muitas. Mas a gente tem a propriedade de substituir uma vaidade por outra. Foi o que fiz. A minha vaidade hoje é de ser transitório. Estraçalho a minha obra. Escrevo língua imbecil, penso ingênuo, só pra chamar a atenção dos mais fortes do que eu pra este monstro mole e indeciso ainda que é o Brasil.

Mário de Andrade

PREFÁCIO

A antropofagia do discurso freudiano - um dos temas centrais desse livro - quando recém-aportado nos trópicos nacionais, se expressa por meio de um precioso documento colhido por sua autora, Luciana Cavalcante Torquato. Num de seus laboriosos e incansáveis mergulhos nos arquivos do Instituto de Estudos Brasileiros da USP/SP, por ocasião da pesquisa que dá origem a essa obra, ela recolhe e compartilha com seus leitores a fotografia refofenta/freudiana de Mário de Andrade. Num distante e anônimo rincão do sertão brasileiro, avistam-se roupas brancas preenchidas pelo vento, em seu suave balé sobre uma cerca de arame farpado, que ladeia uma pequena estrada de chão. Matutos ao fundo, quase invisíveis, como os anônimos que jazem nas telas de Edvard Munch. Casa grande e senzala (preencho eu, retirando do cativeteiro uns vocábulos que rimem com o enigma proposto pelo artista, ao batizar assim seu instante). O Mário - que é como a ele se refere carinhosamente Luciana - traduz por "sequestro" a verdrangung e às vezes mesmo a subliemerung freudianas. Fotógrafo das fardas, fardões, lençóis, panos simplesmente, camisolas de dormir? Prosaico recorte das presenças humanas, do cidadão comum, das singularidades anônimas que pousam sobre a cerca, esse arquétipo do fronteiro, do limite, limes (sublimes?). Imagem paradoxal em que a identidade singular de cada peça coexiste com certo sentimento do todo. Vestimentas justapostas sem que alguma perca o fato de ser uma, por ser à outra unida. O que parece importar na fotografia andradiana é, com o perdão do trocadilho, o negativo. O

avesso, a remissão àquilo que se ausenta, se subtrai, se faz notar justamente por ali faltar. Ao fagocitar a psicanálise, o modernismo brasileiro talvez tenha engordado seu polisêmico arcabouço de ideias – novamente recorrendo à expressão do autor de Macunaíma – devotadas a pensar o que viria a ser um “caráter” nacional, uma “entidade psíquica permanente” que fornecesse a chave para a compreensão do processo civilizatório de um Brasil que despontava para o mundo. Em sua riqueza, suas fraturas, suas promessas, dívidas, dúvidas e direções.

Mas o fato é que a pesquisa aqui empreendida, ciosa de perscrutar a receptividade da psicanálise no âmbito dos principais meios e discursos a ela então sensíveis, não se restringe ao exame das instigantes leituras dela realizadas por almas tão inquietas quanto Mário e Oswald de Andrade ou Menotti Del Picchia. Em seu primeiro movimento, os desenvolvimentos desse texto tomam como objeto de análise crítico-historiográfica o complexo impacto da revolução freudiana no âmbito da medicina e da psiquiatria higienistas nacionais, então sequiosas de ferramentas que justificassem seus esforços de depurar a identidade bio-psíquica do brasileiro das contaminações nela impressas por uma *mélange* étnico-sócio-cultural suposta na origem mesma do Brasil dito civilizado. Nomes tais como Durval Marcondes, Franco da Rocha, Juliano Moreira e Julio Pires Portocarrero são aqui mais que lembrados. São objeto de uma refinada análise que configura, a partir de seus percursos individuais e de suas trajetórias político-institucionais com a psicanálise, um mosaico de efeitos e realidades. Luciana Torquato evidencia o quanto a invenção freudiana foi

supliciada, moldada e convocada a incorporar-se a um discurso de claras intenções bio-políticas, consagrado ao controle material e moral dos laivos de barbárie, degenerações e “perversões” que ameaçavam mais ainda corromper o já desconfiável compósito da personalidade do brasileiro. Convocação à qual todavia resiste a psicanálise de forma significativa, seja pela impossibilidade estrutural de moldagem cabal de sua ética profundamente emancipatória nos quadros de uma moral “civilizada”, seja por conta da divisão mesma que habita os sujeitos aos quais a tarefa se viu confiada, e que basculavam entre sujeições e insurreições aos ideais higienistas dos quais seriam, em tese, os mandatários. Como uma fotógrafa inquieta que busca o melhor ângulo para a exposição de seu objeto, Luciana lega ao leitor diferentes instantâneos das mesmas circunstâncias, motivos e configurações. Com elegância, estilo e generosidade, a autora conduz seu leitor, então já sequestrado, à experiência de um panorama histórico cuja riqueza é inseparável de suas contradições, idiosincrasias e insuspeitados desdobramentos. Penso ser fundamental o advento de uma obra que reconheça tão simplesmente a leitura que fizeram de Freud e da psicanálise os higienistas do “Brasil moderno” e que, nesse mesmo gesto, esclarece conceitos, teses e intenções do discurso analítico no decurso de seus atritos com os temas da identidade nacional, das políticas sanitárias, pedagógicas e, no limite, no contexto de uma política civilizatória que buscava firmar suas bases e, quiçá, responder a uma intrigante pergunta. Quem é o brasileiro?

Naquilo em que esse livro coteja as distintas deglutições da psicanálise pelo higienismo e pela vanguarda modernis-

ta brasileira, o que se pode observar é que, para os artistas inscritos nessa segunda tradição, tratava-se, como lembra a autora, de “pensar o povo brasileiro em toda a sua pluralidade e indeterminação”. Dentre essas consequências, que Luciana Torquato explora verticalmente na obra de Mário de Andrade, pode-se destacar uma subversão radical do movimento higienista de drenar do caráter brasileiro todo traço de selvageria e primitivismo. Na *démarche* andradiana, muito ao contrário, o que se manifesta é um esforço de indexação do que há de pulsional, arcaico e disruptivo na sensibilidade nacional no audaz projeto de pensar os processos identificatórios que cingiriam a brasilidade. O Brasil – “monstro indeciso” – e o “sem caráter” do brasileiro são delineados na obra andradiana a partir de esforços de captar-lhes, senão fundamentos, ao menos traços, contornos e figuras de identidade. Com precisão e delicadeza, a autora nos mostra como Mário de Andrade “aplicará as teorias folclóricas, antropológicas, psicanalíticas no seu entendimento do substrato nacional, fazendo com que sua trajetória estética fosse ainda ética e política”. O Mário leu Freud em francês, mas também leu a *Crítica aos fundamentos da psicologia* de Georges Politzer. Emblema de uma certa estrutura polimorfa do pensamento da vanguarda artística nacional, Mário de Andrade é revisitado por Luciana Torquato num movimento em que a explicitação de suas instigantes relações com o inconsciente freudiano contribuem significativamente para a compreensão de sua ética e mesmo de aspectos singulares de sua estética.

No que se refere ao banquete antropofágico da invenção freudiana, o estudo de Luciana Torquato culmina com uma

belíssima análise do “Sequestro da Dona Ausente”, projeto narrativo inacabado de Mário de Andrade. Tendo como pano de fundo a fusão dos eixos civilizatórios da tradição e das raízes nacionais, Andrade recolhe e tematiza a lírica da saudade, do vazio que estrutura no desejo os alisares por onde ele entrevê seus objetos. Um certa aparição do feminino e suas modalidades de expressão narrativa dão ensejo para um arremate na decifração do sequestro, esse significativo que o autor de Macunaíma maneja com a destreza de um samurai tupiniquim, desbastando camadas de linguagem – desde as antigas tradições orais até as obras científicas – e traçando eixos sem os quais o “complexo” do brasileiro nos teria permanecido até o presente ainda mais enigmático. Vertendo uma sobre a outra essas duas tradições de autores brasileiros que petiscaram a obra freudiana, Luciana Torquato evidencia como a verve da unidade, da síntese e do controle higienista se revira no múltiplo, no contraditório, do extemporâneo e na polissemia da narrativa vanguardista. Num poema refoulento – Eu sou trezentos – Mário de Andrade escreve:

“eu sou trezentos, sou trezentos-e-cincoenta,
mas um dia afinal eu toparei comigo...
Tenhamos paciência, andorinhas curtas,
Só o esquecimento é que condensa,
E então minha alma servirá de abrigo” *.

A obra que o leitor está em vias de descortinar desfralda, sobre os varais ainda algo invisíveis da memória

* ANDRADE, M. Melhores Poemas. São Paulo: Global, 2000; p. 99.

moderna do Brasil, fotogramas desse encontro inédito de tradições intelectuais e narrativas. Pois se o esquecimento é metáfora dos confins da alma, saudemos a iniciativa de uma autora como Luciana Torquato que, no mais pleno acordo com as sóbrias linhas freudianas, nos refresca a memória e nos convida a um instigante périplo através do pathos de um inconsciente cujo rumor se faz ouvir, como brado retumbante, sob as plácidas margens do Ipiranga.

*Guilherme Massara Rocha,
Brumadinho, Setembro de 2014.*

APRESENTAÇÃO

Este livro é resultado de uma intensa pesquisa iniciada ainda no ano de 2011 e que se estende até os dias atuais. Tal pesquisa buscou conhecer um pouco mais sobre a recepção da psicanálise freudiana no Brasil num momento específico da formação nacional, que envolve aspectos culturais, políticos, sociais do país. Buscamos assim acompanhar a trajetória de vinculação da psicanálise a diversos discursos correntes no início do século XIX.

A sistematização desse estudo se deu dentro do mestrado no Programa de Pós-graduação em Psicologia, área de concentração Estudos Psicanalíticos, na Universidade Federal de Minas Gerais. O produto final da pesquisa de mestrado foi a dissertação defendida em fevereiro deste ano, cujo texto original é agora publicado em formato de livro após a sugestão recebida pelos membros da banca examinadora e com o apoio da Editora Unimontes.

Vários foram os incentivadores, parceiros e apoiadores nesta empreitada. Manifesto toda minha gratidão a Edilson Torquato, pai da autora e da viabilização deste texto. Agradeço imensamente a Antônio Alvimar pela disponibilidade em receber essas linhas e à equipe da Editora Unimontes, especialmente a Luiz Fernando Barbosa Reis. Não posso deixar de mencionar Guilherme Massara (UFMG), orientador da pesquisa, e a generosidade intelectual de Antônio Teixeira (UFMG) e Paulo Vidal (UFF), cujas intervenções durante a banca examinadora foram fundamentais. Agradeço a companhia dos colegas do mestrado, especialmente Érica Espírito Santo, Glauco Batista

e Marcus Vinícius Silva, interlocutores muito estimados. Gostaria ainda de citar a leitura atenta e cuidadosa de D. Yvonne Silveira que me deixou muito envaidecida. Em tempo, menciono todo apoio recebido pelas companheiras na rotina de trabalho na Secretaria Municipal de Assistência Social de Belo Horizonte – Alane, Fernanda, Marina, Renata e Sônia.

Com muito amor e profunda admiração intelectual, dedico este trabalho a Victor Mourão.

Luciana Torquato.
Belo Horizonte, agosto de 2014.

SUMÁRIO

PRÓLOGO.....	23
Do roteiro de viagem ao diário de bordo	23
1. A peste: difusão da psicanálise no Brasil.....	34
1.2 O corpo que aloja a peste: contexto para recepção das ideias freudianas.....	42
2 A psicanálise na construção de uma nação moderna: a apropriação médico-higienista.....	52
2.2 A moral sexual civilizada: educação, moralidade e sexualidade nos trópicos	61
3 A Psicanálise na construção de uma nação modernista: a apropriação da vanguarda artística.....	83
3.1 Mário de Andrade, para além de Freud: um tupi tangendo a psicanálise.....	97
3.1.1 Fotografia freudiana: o turista aprendiz de psicanálise.....	106
4 A dona ausente.....	115
4.1 As possibilidades do sequestro.....	121
4.2 O recalque.....	129
4.3 A sublimação.....	139
4.4 Esclarecimentos sobre o sequestro.....	150
Momento de concluir.....	156
ANEXO.....	186